

Semana Nacional de Atualização para Formadores

11 a 14 de julho 2017

Aparecida do Norte/Brasil

Terça-feira, dia 11, das 16.30 às 18.00

✠ Jorge Carlos Patrón Wong

Arcebispo-bispo Emérito de Papatla

Secretário para os Seminários

Temas: a integralidade ao longo do percurso formativo; apresentação das etapas configurativa e pastoral.

6. A Integralidade ao longo do percurso formativo

A integralidade é um princípio formativo básico que permitirá ao seminarista de crescer gradativamente no cultivo simultâneo das virtudes e hábitos virtuosos dentro daquelas quatro dimensões formativas apresentadas pela *Pastores dabo vobis*.

Como já mencionado, o objetivo final é conduzir o seminarista a uma *maturidade de vida*, assistindo-o para que *desenvolva uma personalidade amadurecida que seja capaz de levar até o fim a escolha de vida a qual ele se propõe*. Por isso, todo o itinerário da formação precisa ter uma harmonia interna entre esforço humano e socorro a Graça de Deus, crescimento intelectual e aprofundamento do nível da vida espiritual, aumento de responsabilidade e maior alegria na ação de Graças a Deus pelos frutos gerados.

Gradualmente em cada etapa do processo formativo, desde o grupo vocacional até a vida de cada dia como sacerdote, o jovem vai fazendo novas experiências que lhe possibilitam um passo a mais no crescimento humano e espiritual, da mesma forma, cada nova experiência vivida pode ajudá-lo a integrar melhor as áreas de sua vida, crescendo no amor a Deus e pela Igreja.

Durante as etapas da formação inicial, o maior desafio é aquele de colocar em trabalho todas as áreas de sua vida. Alguns seminaristas podem se sentir bem e seguros na parte intelectual e outros na parte espiritual ou física, mas insistir em desenvolver-se somente naquela área em que se sente mais seguro, não é o objetivo. Ele deve ser estimulado a enfrentar o desafio de se lançar nas demais áreas. Em seguida, deverá ainda enfrentar o desafio de enriquecer cada uma delas com as virtudes e descobertas realizada nas demais.

Na formação permanente cabe ao próprio sacerdote, que está inteiramente submerso no exercício do ministério, a iniciativa de, a partir de suas experiências com a comunidade, observar quais áreas de sua vida estão provando maior desgaste ou um

certo descuido, ou descaso. Será sobre estas áreas que deverá acontecer o investimento de tempo e de meios para o crescimento pessoal, até o ponto de gerar-se um enriquecimento mútuo entre todas as áreas de sua vida sem que nenhuma seja ignorada ou esquecida.

Com muita frequência a área pastoral ganha uma relevância tão grande e passa a ocupar de tal modo o tempo da vida de um jovem sacerdote que, movido pelo melhor espírito missionário e pastoral, sem que ele se dê contas, pode acabar por abandonar aos poucos a oração pessoal, a Liturgia das Horas e até mesmo aquela meditação pessoal muito íntima que acontece durante os atos litúrgicos celebrados por ele mesmo. Sem estes momentos em sua vida, será muito difícil encontrar uma resposta substancial de fé e esperança quando começar a acontecer aquilo que também faz parte da experiência sacerdotal: as frustrações com as pastorais, as perseguições gratuitas de paroquianos, o vazio e o sentimento de abandono pela pouca atenção das autoridades eclesásticas ou descaso dos colegas, ou a solidão por ter tantas vezes a sensação de ser o único a lutar dando tudo de si por algo que parece não estar dando resultados.

De onde virá a força para superar estes momentos, se não for da intimidade com Deus ou com uma experiência que, dentro daquilo que é próprio ao seu sacerdócio te lance outra vez para esta intimidade com Ele? Falaremos mais sobre isso nas próximas conferências sobre espiritualidade.

7. O Conceito de configuração e as duas últimas etapas

«...a vida de um presbítero é toda ela uma formação contínua desde o momento da sua chamada ... ao final desta etapa, dita do discipulado, a formação se concentra sobre o configurar do seminarista a Cristo, Pastor e Servo, para que, unido a Ele, possa fazer da própria vida um dom de si aos outros.

Esta configuração exige um mergulho profundo na contemplação da Pessoa de Jesus Cristo, Filho predileto do Pai, enviado como Pastor do Povo de Deus. Tal configuração torna a relação com Cristo mais íntima e pessoal, e, ao mesmo tempo, favorece o conhecimento e a assunção da identidade sacerdotal» (RFIS, n. 68).

A configuração a Cristo é obra do Espírito Santo. Todo o trabalho formativo tem o objetivo de dispor o seminarista sempre mais a ser esta matéria dócil e modelável nas mãos de Deus Pai para ser-lhe impressa a Imagem de Cristo por obra do Espírito Santo.

Não há êxito formativo quando o melhoramento humano e intelectual do seminarista não for suficiente para ele conseguir querer mais a Sabedoria de Deus do que as certezas de sua inteligência. Significaria dizer que ainda não aconteceu aquele crescimento espiritual necessário para que se consolidasse a configuração a Cristo.

Se ele não se tornou capaz de não mentir para si mesmo buscando viver a verdade, em sua vida, ou seja, diante de si mesmo; se ele não aprendeu a desmascarar a soberba e a avareza em seu coração, nem a acolher com amor as suas tendências, instintos, paixões e submetê-las volitivamente a Graça de Deus; se não aprendeu a confiar toda a sua vida e seu ministério a Virgem Maria Santíssima seguindo seu

exemplo materno, então significa dizer que ainda não começou uma autêntica configuração a Cristo. Provavelmente ainda se caminha em um tipo de identificação amorosa com Jesus, mas falta abraçar definitivamente sua Vida com todas as conseqüências naturais deste ato, ou seja, as dores da Cruz e o socorro da Graça.

Obviamente, não quero aqui dizer que apenas mediante a perfeita vivência destas capacidades/virtudes é que um jovem pode ser ordenado, até porque será necessária uma inteira vida para se crescer na perfeição destas virtudes. Porém, quero dizer com o máximo de clareza que se não estiver presente uma forte decisão por elas e o aguerrido início de uma combate interior movido pela Graça de Deus na direção do exercício quotidiano destas virtudes, mesmo que de maneira ainda um pouco infantilizada, ou seja, querendo o progresso sem ter que enfrentar eventuais quedas e crises, ***não se cogite a apresentação deste candidato para a recepção das Ordens Sagradas.***

A responsabilidade por um candidato não idôneo ao ministério que seja ordenado recai também sobre os formadores, caso estes tenham agido com descaso ou com pouco comprometimento pelo bem daquela pessoa e da Igreja. Digo isso porque a experiência nos mostra que sem estas características, dificilmente, um sacerdote conseguirá perseverar em sua vocação sem arriscar um eventual abandono do ministério ou uma esterilidade no testemunho vocacional de seu ministério.

O serviço a Igreja no amor ao próximo, o pastoreio do Povo de Deus na obediência aos seus superiores como ato de obediência a Deus, o cuidado pastoral oferecido com o próprio sacrifício pessoal em comunhão com o sacrifício sacerdotal de Cristo e o exercício de sua autoridade em total submissão e consciência de que está exercendo a autoridade de Cristo Cabeça, na qual foi revestido no dia de sua ordenação, são os sinais palpáveis da configuração a Cristo Senhor.

7.1. Etapa configurativa (RFIS, nn. 68-73)

«A etapa dos estudos teológicos, ou da configuração, é orientada, de modo particular, para a formação espiritual própria do presbítero, em que a configuração progressiva a Cristo torna-se uma experiência que suscita na vida do discípulo os próprios sentimentos e comportamentos do Filho de Deus; ao mesmo tempo, ela introduz na aprendizagem da vida presbiteral, animada pelo desejo e amparada pela capacidade de oferecer-se a si mesmo no cuidado pastoral do Povo de Deus. Esta etapa possibilita o gradual enraizamento da fisionomia do Bom Pastor, que conhece as suas ovelhas, dá a vida por elas e vai à procura das ovelhas que estão fora do redil (cf. Jo 10, 14-17)» (RFIS, n. 69).

7.1.1. Sua real NECESSIDADE e ESPECIFICIDADE:

Esta etapa coincide com o período da formação teológica dos seminaristas. Um tempo de estudos muito exigentes que são centrais para a formação doutrinal dos futuros padres, além de ser também um elemento determinante para uma vida sacerdotal de qualidade. Apesar desta grande importância, o texto da nova RFIS deixa claro o destaque que deve ser dado a vivência de uma espiritualidade sacerdotal. O patrimônio teológico nesta etapa da formação deve enriquecer significativamente a vida espiritual e sacerdotal dos seminaristas. Não me refiro aqui

estritamente a um enriquecimento intelectual, mas ao grande conteúdo que passa a iluminar, nutrir, motivar e sustentar os atos e experiências religiosas dos seminaristas.

Como os seminaristas já trazem consigo as experiências acumuladas da vida comunitária e do diálogo com seus formadores, além de uma formação humanístico-filosófica mais elaborada, começa-se então o tempo de consolidar com mais força as bases motivacionais para sustentar a longo prazo aquela construção já iniciada das atitudes virtuosas e para encontrar mais ânimo para consolidar aquelas que ainda periclitam e resistem em não se estabelecerem, por exigir uma maior força de vontade e de entrega a Deus.

Por isso, o texto diz que são características de base e especificidades desta etapa a responsabilidade e constância em viver as virtudes cardeais, teológicas e os conselhos evangélicos, demonstrando significativa docilidade a ação de Deus, mediante os dons do Espírito Santo (cf. RFIS, n. 71).

Todo o trabalho feito nas demais etapas até este momento continuará, porém, com este aceno maior para a responsabilidade pessoal e para a constância. Nesta etapa, um seminarista que ainda não assumiu seu papel colaborativo dentro da comunidade do Seminário, que não abraçou livremente suas responsabilidades, que na direção espiritual não vive suas lutas interiores com coragem e entrega a Deus, mas se esconde na passividade do “deixar o tempo passar”, ou ainda está a procurar os culpados por seus insucessos pessoais e falhas, ou ainda se crer e insiste em se ver, unicamente, como vítima nas mãos de outros, ou quando fala sobre os problemas existentes se transvasa um rio de acusações e maledicências, não deveria nem mesmo estar nesta etapa, porque, ao longo da etapa configurativa serão concedidos os ministérios e será realizada a admissão as Ordens Sacras, ambas supõe passos seguros de responsabilidade e de um profundo compromisso pessoal e comunitário para sair de si mesmo em favor da caridade pastoral ministerial e missionária.

7.1.2. Seu **DINAMISMO**:

«No decorrer desta etapa, segundo o amadurecimento de cada candidato e atendendo à oportunidade formativa, serão conferidos aos seminaristas os ministérios de leitor e acólito, para que possam exercê-los por um conveniente período de tempo, e dispor-se melhor aos futuros serviços da Palavra e do Altar. O ministério de leitor propõe ao seminarista o “desafio” de deixar-se transformar pela Palavra de Deus, objeto da sua oração e do seu estudo. A concessão do ministério de acólito implica uma participação mais profunda no mistério de Cristo que se doa e está presente na Eucaristia, na assembléia e no irmão» (RFIS, n. 73).

Todo o dinamismo desta etapa está marcado por ritos litúrgicos que celebram no seio da comunidade cristã os efeitos do reconhecimento da Igreja sobre a idoneidade daquele seminarista. É bem verdade que raramente pode acontecer de um seminarista demonstrar sua inidoneidade após a recepção dos ministérios, seja por causa da pouca experiência dos formadores em avaliar, seja pela capacidade do seminarista em manter certas coisas em oculto, ou seja por uma verdadeira ruína humana e espiritual que surpreendentemente tornou-o inidôneo às Ordens Sacras.

Tendo em vista tudo o que foi dito, cito alguns dos desafios desta etapa:

1. Testemunho de uma fé vigorosa: aqui o seminarista com suas escolhas e atitudes, já deve ser capaz de dar provas de suas virtudes e da perseverança nelas, sabendo pagar o preço, as vezes duro, da renúncia e do sacrifício de mortificação pessoal, e de submeter o desejo pessoal à humildade e à paciência. Isso tudo vem observado no ordinário da vida, ou seja, no modo como vive a sala de aula com os professores e amigos, na mesa da refeição, no cuidado pelo seminário, no campo de futebol, no uso das redes sociais, no contato com a gente na pastoral paroquial, etc.

2. Zelo pela própria comunidade e capacidade de renúncia pessoal e de acolhimento daquilo que foge ao seu ritmo ordinário: é o seminarista quem deve demonstrar ter uma viva disposição interior para enfrentar as exigências do caminho ao sacerdócio, não devem os formadores assumirem uma atitude de tentar justificar ou defender as certezas do seminarista! Quem ama, luta por aquilo que ama, e amando aprende a sacrificar-se para que o outro cresça e siga adiante, mas também, vai aprendendo a resignar-se e a seguir por conta própria quando o outro não quer abraçar os mesmos idéias de vida.

3. Comprovada obediência: não é possível viver a comunhão em profunda intimidade com Deus sem que haja obediência. A obediência não é fruto de um diálogo de boas ponderações, nem o efeito de uma clara explicação acolhida de boa fé. A obediência é um ato de fé diante da soberania de Deus, fruto de um longo caminho de reconhecimento e de acolhimento dos gestos de Deus na vida da Igreja. É a total confiança de que Ele está no comando e comanda, que pode usar os meios e os modos que Ele quiser, dando ou não ao homem a possibilidade de compreender sua decisão sem se ver obrigado a justificar-Se por aquilo que faz e que espera como finalidade. Tal ato supõe um certo grau de liberdade ao coração do seminarista, que precisa ser construído dia à dia com seus formadores.

4. Gosto e opção pela simplicidade e pelo serviço ao próximo: em nossas experiências paroquiais, não faltam atos de generosidade e o cuidado do povo de Deus em socorro as suas necessidades de seus ministros. São muitos os exemplos e testemunhos daqueles que lutam com igual sacrifício por estas três coisas: para manter a família, a igreja de sua comunidade local e para não deixar faltar o necessário aos seus padres. Ser capaz de reconhecer, respeitar e honrar o gesto e a atitude desse mesmo povo, em sintonia com a escolha pela simplicidade e pelo serviço que Jesus fez, é um dever daqueles que se aproximam das Ordens Sagradas.

5. Defesa do celibato: ter a iniciativa de procurar estabelecer escolhas, meios e relações interpessoais que favoreçam a vivência do celibato sacerdotal como parte de sua oferta de vida por amor a Igreja de Cristo, e ao mesmo tempo, ser capaz de manter aceso no tempo o entusiasmo pela vida celibatária.

7.2. Etapa pastoral ou de síntese (RFIS, nn. 74-79)

«A etapa pastoral (ou de síntese vocacional) corresponde ao período que medeia entre a estadia no Seminário e a sucessiva ordenação presbiteral, passando obviamente através da concessão do diaconato» (RFIS, n. 74).

7.2.1. Sua real **NECESSIDADE** e **ESPECIFICIDADE**:

«São duas as finalidades desta etapa: por um lado, *trata-se da inserção na vida pastoral, com uma gradual assunção de responsabilidades, em espírito de serviço; por outro, de um esforço no sentido de uma adequada preparação, recebendo um específico acompanhamento com vista ao presbiterado*» (RFIS, n. 74).

O texto da nova RFIS já deixa clara qual é a finalidade desta etapa. Nela o seminarista é chamado pela Igreja para declarar de modo livre, consciente e definitivo a própria vontade de ser presbítero e permanecer no ministério, uma vez que tenha recebido a ordenação diaconal.

Esta etapa, inclui o período entre o final da estadia no Seminário e a ordenação presbiteral. A duração da etapa varia de acordo com o grau de maturidade alcançado pelo candidato às Ordens Sacras e a tradição de cada diocese em relação ao tempo para o exercício do diaconato transitório.

A ordenação diaconal e presbiteral, advêm ao final do ciclo da formação inicial. Antes das Ordens Sacras deve ser feita uma preparação espiritual prévia ao sacramento.

A passagem da casa de formação (Seminário) para a vida em paróquia não é algo simples. Dentro do Seminário os ritmos e tempos são mais definidos e cadenciados do que na vida paroquial, o que exigirá um tempo de adaptação entre a aceleração típica do encantamento com os afazeres paroquiais e a consolidação do seu próprio ritmo de vida sacerdotal, até que se conquiste um equilíbrio que o permita crescer como pessoa, do contrario, em pouco tempo se sentirá uma certa estagnação humana e espiritual.

Quero deixar claro, que não se trata da luta entre o ritmo de vida que subjetivamente se quer ter e o ritmo de vida imposto pelas exigências pastorais, mas a concretização de um ritmo de vida que respeite a própria necessidade do clérigo de defender e cuidar de sua vida como homem de Deus consagrado para servir da Igreja.

Além desta passagem, o seminarista ou clérigo recém chegado para residir na paróquia encontrará desafios, exigências e trabalhos que fogem a sua alçada de conhecimento prático e teórico por duas razões: ou porque ele não recebeu formação para isso no Seminário, e talvez nem fosse obrigação do Seminário instruí-lo sobre isso, ou porque o tema realmente supera sua competência como clérigo, mas de alguma forma supõe a intervenção de sua autoridade como o líder daquela comunidade. Em ambos os casos é preciso ter a humildade de ouvir os mais experientes e procurar ajuda de pessoas que tenham competência sobre o tema. Evitem-se respostas intempestivas de renúncia a qualquer tipo de atitude. Reconhecer o próprio limite e orientar-se com sabedoria a quem possa realmente contribuir com uma luz ou solução e somar a participação e contribuição ativa de outros na construção de uma solução é um forte testemunho de liderança para toda comunidade, mas requer equilíbrio por parte do clérigo para poder ser alcançado.

Recomenda-se que antes desta passagem definitiva para a paróquia o itinerário acadêmico já esteja concluído, porque, a experiência nos mostra que, o ritmo paroquial muitas vezes torna-se um elemento que dificulta a conclusão da vida acadêmica. Outra recomendação importante é que o vínculo de convivência entre os

clérigos recém enviados como diáconos para as paróquias seja mantido e incentivado. Por exemplo, em um encontro ao menos uma vez ao mês no Seminário para a oração e a partilha de vida, preferencialmente, junto com seus formadores.

7.2.2. Seu **DINAMISMO**:

Como dinamismo característico desta etapa estão todos os níveis de relação peculiares a vida de um clérigo ou futuro clérigo que está às portas da ordenação.

Elenco aqui alguns daqueles desafios mais importantes nesta fase, a parte, obviamente, a boa conclusão do percurso acadêmico de formação teológica.

1. Bom diálogo com o pároco e com o povo: nem sempre a destinação será para trabalhar ao lado de um padre com quem se tenha trabalhado anteriormente. Isso reafirma ainda mais a importância da boa convivência na casa paroquial, marcada pelo cuidado mútuo, respeito, acatamento de competências, comunhão na ação comum, partilha de idéias e, se possível, uma verdadeira amizade. O jovem clérigo não pode se esquecer que aquele povo tem mais experiência em ser povo naquela paróquia do que ele tem para ensinar, por isso, ouvi-os atentamente e com profundo respeito, sem prejulgamentos, até mesmo diante de certa ignorância intelectual ou cultural é um gesto essencial para se estabelecer um diálogo pastoral. As vezes os gestos do próprio clérigo podem causar a surdez do interlocutor para as suas palavras.

2. Saber ouvir o exemplo dos mais velhos: este é um tema no mínimo curioso, mas muito interessante. Não é possível ter respostas imediatas para tudo que venha a acontecer na paróquia e na vida pessoal, mas, as vezes, pode se criar dentro do coração uma certa pretensão a isso. Além do mais, nada do que venha a acontecer ou chamar em causa o jovem clérigo no exercício de sua liderança ao lado do seu pároco, será a primeira vez que estará acontecendo no mundo, então, por favor, tenha calma, prudência, humildade e ouvidos para escutar e acolher o exemplo e os ensinamentos dos mais velhos.

3. Proximidade com o Bispo: este é um tempo onde o contato com o Bispo pode ser aprofundado, seja na participação nas cerimônias litúrgicas, seja nas diversas iniciativas pastorais, afazeres diocesanos e/ou convívio social (almoço, jantar, um dia de retiro e colóquio, etc). É importante que tal proposta possa ser estudada entre os formadores e o Bispo.

4. Proximidade e frequência nas ocasiões de convivência com o presbitério: a convivência e participação com os colegas sacerdotes nas iniciativas comuns do presbitério é fundamental. Retiros, iniciativas pastorais por decanatos, zonais ou foranias, assistência a eventos e a boa e simples convivência na casa paroquial após uma partilha ou após um encontro de formação, enriquece, fortalece e motiva aqueles laços presbiterais que serão vitais para a perseverança na comunhão no ministério.

5. Cuidado com a própria afetividade nas amizades: é normal que as pessoas, quase sempre muito carinhosas e amáveis, adquiram uma rápida confiança com o novo clérigo e, muitas vezes, se apressem em tratar os temas mais espinhosos e delicados da convivência de anos entre eles. Convivência esta que o jovem clérigo não tem quase conhecimento algum a respeito. Ao mesmo tempo, o jovem clérigo traz consigo o natural desejo de estabelecer laços de amizade e de confiança, mas a sua medida atual é aquela do Seminário, ou seja, uma medida entre iguais. É preciso ter atenção a estas coisas, por duas razões: em relação ao primeiro tema – antes de se

atuar sobre os temas espinhosos é necessário conhecer as partes e seus históricos naquela relação. Desrespeitar esta simples regra de relacionamento humano pode levar ao erro de fazer-se juiz por interesses pessoais de terceiros, o que divide a comunidade e fere as pessoas; em relação ao segundo tema – não se tratam de relações equivalentes, nem de realidades de vida ao mesmo nível. As relações de amizade na vida paroquial devem ser construídas com muita prudência porque nem todos conseguem compreender as necessidades e particularidades da vida de um sacerdote ou clérigo para poder respeitá-las, e depois, o abandono ou substituição das amizades sacerdotais por amizades exclusivas com leigos pode com o tempo danificar a identidade sacerdotal do próprio padre.